

Roteiro episódio CORACAO DA SERRINHA - visceral brasil - segunda temporada - com o Jongo da Serrinha

1. Imagens de arquivo pessoal do grupo Jongo da Serrinha - da formação do grupo - trilha sonora do grupo - imagens da Serrinha - sede do Jongo - termina com música ao vivo cantada, tocada e dançada pelo grupo

2. Entrevista Tia Maria do Jongo

Antigamente, dia
de São Pedro e São João,
o pessoal rezava
a ladainha, né?
E d. Maria Joana,
aquela que tá ali na foto,
ela rezava nas casa
e levava muita criança.
Depois dessa ladainha,
se o pessoal era jongueiro,
tinha o jongo.

Se era da sanfona,
era um baile de sanfona.

Mas sempre depois
eles faziam aquela reza.
Ela levava muita criança.
Todo lugar que ia,
ela levava criança.

"Vai fazer uma cama lá
pra vocês dormir,
que agora os velhos
vão dançar".

Não queria nem
que a gente visse...

Mas, antigamente,
as casas eram estufa,
aquela casa
que joga barro.

Se tinha um buraquinho, a
gente furava um buraco maior,
que era pra gente
poder ver, né?

Aí, quem que arreda?

"Eu não vou dormir".

Aí, eu ficava ali, naquele
buraco, e olhava, olhava.
Darcy era bem menor que eu,
também olhava, meus irmãos,
as outras criança, todo mundo
olhava e tava aprendendo.

Aí, no dia seguinte,
a gente dançava o jongo.

Mas era no terreiro
da minha mãe, na minha casa,
que era em frente
à vovó Maria Joana.

Ali, a gente batia nas latas
da minha mãe carregar água,
minha mãe brigava:

"Vou mandar furar as latas!".

Batíamos no chão, os meninos batia o jongo, cantava.

Darcy, então, adorava!

Aí, cantava,
a gente dançava.

E assim nós fomos
aprendendo a dançar.
Lá na roda dos velhos,
não ia nem olhar.
Eles não deixavam.
Aí, fomos crescendo assim.
Fiquei moça, me casei.
Fui dançar jongo depois.
Porque é uma cultura oral.
É uma cultura que veio
da África, de Angola,
e, antigamente, só os pretos
velhos, os mais velhos mesmo,
cabeça branca, cacurucaia,
aqueles bem...
é que podiam fazer o jongo.
Aqui na Serrinha, em outros
lugares onde tinha jongo,
outros morros daqui
do Rio de Janeiro.
Minha mãe cantava muito jongo porque ela veio de Minas.
Eu sou jongueira,
já nasci jongueira.
Porque minha mãe veio de Minas pro Rio de Janeiro em 1910.
Eu nasci em 1920.
Já nasci jongueira.
Só não dançava,
mas ela cantava...
pra gente ali... e não
entrava na roda dos velho.
Mas minha mãe
cantava com a gente.
Aí, d. Maria chamou
Darcy e falou:
"Meu filho, você bota
as criança pra dançar.
"Vai acabar o jongo,
vai ficar em extinção,
"o jongo vai ficar
aí abandonado,
sem ninguém pra dançar".
Aí, ele ficou todo feliz,
porque ele gostava,
já tava homem,
e aí, foi logo lá em casa.
Aí, falou, meu marido
tava em casa...
"Ah, se ela quiser".
Eu disse: "Ah, quero, sim".
Aí, eu fiquei com ele,
minhas irmãs, sobrinhas,
todo mundo sabia dançar,
e o pessoal dali
que sabia dançar,
ele foi convidando....
 Fizemos uma roda de samba,
de jongo bonito!
Aí, ficamos dançando jongo,
mas depois de adulto já.
Assim como vocês,
não dançava.
Era só velho mesmo.
Vendo que os jongueiros
antigos estavam indo embora,

começaram a colocar
as crianças
pra aprender
a dançar o jongo,
porque, senão,
essa cultura iria morrer.
E eles não queriam
que essa cultura morresse.
Nunca, jamais.
E enquanto a gente
estiver aqui,
a gente também
vai passar pras crianças,
pra quando a gente
for embora as crianças
continuarem a levar
o jongo adiante.

3. Crianças dançando o Jongo

4. Entrevista com Lazir
Tudo isso começou
com o Mestre Darcy.
A gente segue tudo
que o Mestre nos ensinou.
Ele realmente descobriu
como fazer
o jongo resistir,
e como fazer com que
o maior número de pessoas
pudessem conhecer
a cultura do jongo.
Então, muito sábio o Mestre
Darcy indo nas universidades
em busca dos jovens,
dessa força dos jovens.
Muito sábia a vovó Maria Joana ensinando as crianças,
as novas gerações,
e é isso que a gente segue.
Então, por exemplo, a gente
foi agora pro Rock in Rio.
A nossa missão muito forte
é a oportunidade do mundo
conhecer a nossa cultura
e se interessar.
O jongo é uma coisa muito
forte e de muito respeito,
porque os sábios é que sabiam
e é que tinham essa coisa
de permitir que outras
pessoas pudessem aprender.
A missão, vamos
dizer assim,
e a ideia brilhante
de ensinar o jongo
pra quem quisesse
aprender do Rio de Janeiro,
do mundo, do Brasil.
Como o jongo... se tornou
uma coisa de mulheres,
porque no jongo
a mulher recebe,
a mulher faz a comida,
alimenta as pessoas.

A gente junta a nossa
união de mulheres
e a gente faz
essa força.

A gente faz
essa casa andar.
E pra gente é
uma felicidade,
porque quando
o meu tio se foi,
quando minha família
se foi, meu tio se foi,
a gente não imaginava
conseguir levar isso adiante.
Mamãe era jongueira, papai
era jongueiro, vovô também,
e eu, quando criança,
me apaixonei pelo ritmo.
E eu jamais pensaria
que ainda ia gravar
e lutar pelo
jongo no Brasil.

5. Grupo dançando, cantando

6. Entrevista jongueira

A gente, na época,
ficou querendo
dar uma enfraquecida,
e isso recomeçou
no quintal da tia Maria.
E o pessoal ia chegando.
O tambor chama longe.
Então, as pessoas
iam chegando,
e aí, a gente
foi gostando.
Eu acho... Acho, não,
com certeza,
isso foi
fortalecendo a gente.
E aí a gente foi começando
a convidar as pessoas.
Então, eu falei assim:
"A gente é forte.
[Rindo]
"A gente tá podendo.
As mulheres têm força".
Então, nada mais justo
que a mulher
também tomar conta
do tambor, né?

7. Luiza tocando tambor

8. Entrevista Tia Maria

A Luiza é que botou
a mulher na roda do tambor.
[Risos]
Darcy foi dar aula lá
na Escola Villa-Lobos,

aí ela tava lá,
gostou do tambor,
aí veio
e ficou com a gente.
Quando eu vi aquele homem
com três tambores
que pareciam seis,
ele tocava divinamente.
9. Entrevista Luiza

Quando eu senti
o tambor,
eu senti que foi
uma coisa visceral.
Sabe? Foi nesse chakra
aqui que me chamou.
Então, o Mestre Darcy,
ele me empoderou
de ser a primeira mulher
a tocar os tambores do jongo.

10. Luiza apresenta as batidas dos tambores do Jongo
[Batuques]

11. Entrevista Deli no terreno de umbanda na Serrinha - ela apresenta o terreiro

Esse terreiro aqui
representa muito pra mim. Essa casa foi
onde eu nasci, né?
E um terreiro também onde
minha avó fez muita caridade.
E eu mantenho
até hoje o terreiro
do jeito que era
antigamente.
Minha avó, todo ano,
fazia...
um banquete para os cachorros, em homenagem a São Lázaro.
Minha avó botava a mesa aqui,
era uma toalha bordada,
e as comidas, assados,
só comida assim...
muito gostosas.
E aí ficavam os cachorros
de lado, assim.
Era uma festa
muito bonita.
E todas as pessoas
que vêm aqui
se sente muito bem,
essa casa tem muito axé.
E também aqui a gente
recebeu há muitos anos atrás
uma pessoa que era
muito ilustre, e até hoje
é pra gente, da MPB,
que é a Clara Nunes.
E a Clara Nunes foi
filha de santo da minha avó.
Ela se apaixonou
pela minha avó,
por essa casa,
que é humilde pra caramba,
mas ela vinha, porque ela

tinha a gente como se fosse
uma família dela, né?

12. Entrevista Dilmar

Quando as pessoas escravizadas
que vêm da África pro Brasil,
não veio um grupo só,
vieram várias pessoas
de vários grupos étnicos,
que cada grupo tem a sua raiz
religiosa e musical,
e até de linguajar.
E com isso fui vendo
que muitos deles
eram inimigos
lá em África.
E quando chegam
aqui escravizados,
eles acabam tendo
que conviver no mesmo espaço.
E com esse
no mesmo espaço,
como eles
não podiam guerrear,
eles começam a trabalhar
uma certa luta, um desafio,
nos versos.

13. Entrevista Lazir

Com a libertação
dos escravos,
os jongueiros vieram pra
capital do Brasil na época,
que era o Rio de Janeiro.
Essa história fica marcante,
porque eu visualizo
esses jongueiros
vindo pro
Rio de Janeiro,
e eles vieram
pro alto dos morros:
Mangueira, Salgueiro,
pro centro da cidade mesmo.
E aqui, na Serrinha,
eu fico imaginando, sabe?
Todos os jongueiros
chegando
e decidindo
que morariam aqui,
que construiriam
suas casas...
E a história do nascimento
da comunidade mesmo
pra mim é muito
encantador.
O pessoal da Serrinha...
veio todo mundo
pro mesmo lugar
e eles ficaram juntos,
com um monte de famílias.
Então, acho que isso
foi muito importante

pra que tanta
gente boa saia dali.
E teve uma continuidade
com as pessoas mais jovens
que se formam.
Nunca esquecem,
nunca deixam de ir lá.
E quase todo mundo passa
pela escola do jongo.
E depois de muito tempo,
com o apoio da prefeitura,
foi uma ideia
da tia Maria do Jongo.

14. Entrevista Tia Maria do Jongo

Eu digo: "Meu Deus, por que
essa casa tá assim
nesses anos todos
abandonada, cheia de lixo?".
Lixo mesmo.
Você do lado de fora via.
As porta tudo aberta,
cheia de lixo lá fora.
Aí, eu falei:
"Vou combinar com as meninas,
"e vamos passar um...
um pedido
pro nosso prefeito".
E foi aí que tudo começou.
Conseguimos da prefeitura...
e vamos fazer 2 anos
de Casa de Jongo aqui.
E receber aqui
comunidades jongueiras,
e o povo da Serrinha
em rodas de samba...
É mais um espaço
pra promover justamente isso,
que é a união, sabe?

15. Tia Maria mostra as fotos na parede e explica cada momento do passado ali representado.

16. Encontro da Tia Maria com Dona Ivone Lara e Lazer